
Educação em Aristóteles: vida, estrutura política e concepção educacional*

Alessandro Barreta Garcia

Mestrando da Universidade Nove de Julho na Linha de Pesquisa em História e
Teoria do Trabalho Docente e do Educador Social (LIPHIS)

Na intenção de contribuir para uma fundamentação do trabalho docente e do educador social, neste estudo temos por objetivo apresentar elementos relacionados com a vida, estrutura política e concepção educacional de Aristóteles. No primeiro momento abordaremos o contexto da política; e no segundo, discorreremos de forma inicial sobre a fundamentação da teoria educacional de Aristóteles, conforme sua obra política.

Palavras-chave: Aristóteles. Educação. Educação ativa. História da Educação.

In order to contribute to a foundation of teaching and of the social educator, in this study we present and discuss aspects of the life, political structure and educational conception of Aristotle. At first we discuss the policy context, and on the second time, so we will discourse on the initial foundation of educational theory of Aristotle, as his political work.

Key words: Active Education. Aristotle. Education. History of Education.

*O texto recebeu contribuição do prof. Dr. Paolo Nosella, da Universidade Nove de Julho (LIPHIS).

1 Introdução

Na racionalidade crítica dos diálogos entre os séculos V e IV a.C., a autonomia do homem se sobrepõe às explicações puramente religiosas dos deuses, mas não se desvincula totalmente delas. Como resultado desses diálogos críticos, da oralidade e do letramento, o homem livre assimila ideias acerca de um ideal de educação, se preparando não só para submeter-se ao destino, mas para influenciar e ser agente de transformação, configurando-se, assim, a chamada virtude do guerreiro (JAEGER, 1936).

No pensamento crítico da Filosofia clássica, entre os séculos V e IV a.C., Sócrates, Platão e Aristóteles distanciavam-se dos pensamentos constitutivos do cosmo, preocupando-se mais com a formação do homem e com suas virtudes. As filosofias críticas, nascentes no período clássico, apresentam-nos uma maior reflexão, propondo, a partir de cada filósofo, sugerir uma explicação diferente de educação, bem como caminhos distintos na busca da verdade, de uma metafísica.

Por meio de uma leitura prévia da História da Educação antiga (LUZURIAGA, 1983; ARANHA, 2006), observa-se que Aristóteles não é descrito por desenvolver um sistema educacional, embora seja considerado grande educador. Por outro lado, observa-se, também, grande ênfase ao sistema educacional de Platão. Nesse sentido, buscamos saber um pouco mais a respeito da vida, estrutura e concepção educacional de Aristóteles.

Conforme Hourdakís (1998) indica, Aristóteles deve ser revisto como um educador e não merece ser comparado ou desvalorizado em comparação a Platão e Isócrates. Ainda assim, Hourdakís (1998, p. 10) explica que é nítida uma “[...] supervalorização da contribuição

desses dois homens para o âmbito educativo, em comparação com a contribuição de Aristóteles.”

Por conta dessa problemática, pergunta-se: podemos observar na vida e na obra de Aristóteles, especificamente na obra *Política*, uma estrutura e concepção educacional da cidade?

Aristóteles, sendo frequentemente relacionado aos caminhos pelos quais se elabora o conhecimento, conforme se observa na leitura de Piletti e Piletti (2004, p. 66) “*O homem se educa na medida em que copia a forma de vida dos adultos*” nos faz pré-estabelecer como objeto as obras *Política* (1985), Durant (1996) e Plutarco (2005), na expectativa de entender também um Aristóteles sistematizador da educação.

Mencionado como um dos primeiros grandes cientistas, naturalistas e nem sempre como um educador da antiguidade com ideias que se relacionam a um sistema de educação, observa-se, ainda, conforme Aranha (2006), que pelo modelo teórico de Aristóteles, podem-se potencializar as qualidades pessoais por meio de uma educação, que pretenda tornar a pessoa o que ela é realmente, na sua essência.

A fim de elucidar nossa problemática, o objetivo deste trabalho é apresentar, por meio das obras citadas, vida, estrutura e concepção educacional de Aristóteles. Enfim, pretendemos demonstrar que Aristóteles pode ser entendido como educador tanto quanto seu consagrado título de mestre das ciências.

Nesse sentido, não é demais rediscutir temas da antiguidade grega, sempre que se apresentarem na modernidade ou na contemporaneidade, como fundamentais para uma didática aprofundada, ou mesmo, para a própria memória da História da Educação antiga. Temas do passado se tornam essenciais, principalmente

quando são reescritos a partir de releituras sistêmicas, rigorosas e específicas.

Ainda assim, salienta-se que o entendimento de personagens da antiguidade, no âmbito da educação grega, é importante para se compreender os posteriores períodos da História da Educação. E, notadamente, uma interpretação parcial ou mesmo a falta de informações poderia, de algum modo, repercutir nas interpretações futuras da educação mundial.

2 O Estado e o indivíduo na educação e na política de Aristóteles

Ao iniciar uma observação a respeito dos pensamentos políticos e educacionais de Aristóteles é preciso situar-nos ao seu redor, ao redor de sua vida. Aristóteles foi um dos mais importantes filósofos da antiguidade grega e continua sendo na contemporaneidade. Conforme a apresentação de Mário da Gama Kury, no livro *Política de Aristóteles*, o filósofo é considerado um pensador da antiguidade com ideias modernas (ARISTÓTELES, 1985).

Aristóteles não era grego. Nasceu em Estágira, cidade-estado que pertencia à Macedônia, à época colônia grega que se configurava como cidade de grande expressão. Segundo Plutarco (2005), Estágira havia sido destruída pelos exércitos macedônicos sendo restaurada por Felipe (Rei da Macedônia), a pedido de Aristóteles.

Filho de médico, Aristóteles fora influenciado por seu pai Nicômaco a ter gosto apurado pela natureza que faria parte de suas características metodológicas. Segundo Durant (1996), Aristóteles se especializou em Biologia, foi aluno de Platão, preceptor de Alexandre, o

Grande, que posteriormente inaugurou uma escola denominada de “Liceu”. Acreditava-se ainda, que Aristóteles teria feito parte de um grupo de médicos, conhecido como a “fraternidade médica de Asclepiades”.

Aristóteles é conhecido por criar a ciência da lógica. Uma de suas obras em destaque, intitulada de *Organon*, foi traduzida por Boécio, passando a ser largamente utilizada como referencial na Idade Média (DURANT, 1996).

Sua formação se iniciou por uma educação médica, posteriormente seguiu estudos com o mestre Platão. Subsidiado por seu importante aluno Alexandre, o Grande, Aristóteles se tornou um perito nas classificações. Durant (1996, p. 77) cita:

Aristóteles responde que toda boa definição tem duas partes, afirma-se sobre dois sólidos pés: primeiro encaixa o objeto em questão numa classe ou grupo cujas características gerais são também as dele – assim, o homem é, antes de tudo, um animal; segundo, indica os pontos em que o objeto difere de todos os outros membros de sua classe – por isso, o homem, no sistema aristotélico, é um animal racional.

Aristóteles é universalista, portanto, suas observações, a partir do real, servem para generalizar suas classificações. Esses dados iniciais nos trazem uma primeira observação acerca do pensamento científico de Aristóteles. Posteriormente, poderemos identificar a repercussão dessa visão na *Política* e, assim, entenderemos seu ideal de Educação, a partir de uma triangulação: realismo, observação e classificação.

A preocupação do filósofo com a cidade-estado está relacionada à ideia de felicidade, proporcionando aos seus cidadãos uma convivência justa e organizada, que deveria ser uma das metas de um bom governante. Deve-se, então, ter uma organização social para que tal cidade se torne feliz. Uma cidade justa e moral se encontra nos principais objetivos de Aristóteles ao falar de cidade.

Nesse sentido, Aristóteles diz: “Evidentemente a melhor forma de governo é aquela em que qualquer pessoa, seja ela quem for, pode agir melhor e viver feliz” (ARISTÓTELES, 1985, p. 223-1324a). Para ele bom governo é aquele que proporciona aos seus cidadãos uma vida justa, boa, bela e feliz. E a primeira micro-estrutura dessa organização governamental é a família. Segundo o filósofo: “A função do bom legislador é estudar a maneira de uma cidade, ou uma raça de homens, ou qualquer outra comunidade, participar de uma vida melhor e da felicidade ao seu alcance” (ARISTÓTELES, 1985, p. 225-1325a).

Para tanto, uma cidade governável só pode ser auto-suficiente quando não tiver um número excessivo de cidadãos. É óbvio para Aristóteles que uma cidade extremamente populosa é quase impossível de ser governada, dificultando o alcance a uma vida justa e feliz. Por outro lado, uma cidade-estado muito aquém das expectativas habitacionais, não seria auto-suficiente. A auto-suficiência, nesse sentido, seria um fator determinante no governo de uma cidade-estado.

Certamente essa é sua preocupação política e, para tal formulação geral, sua base científica é a realidade, observação e classificação. A partir do real, poderia classificar os fenômenos e, posteriormente, generalizá-los.

As classificações de Aristóteles são bem caracterizadas pelas suas divisões entre o meio

social. Quando se fala de locais para uma prática esportiva, Aristóteles menciona que:

O lugar será ainda mais agradável se nele forem construídos os recintos para a ginástica dos cidadãos mais idosos (convém que esta instituição também seja separada de acordo com as faixas etárias, e que alguns altos funcionários permaneçam entre os meninos, em quanto os cidadãos mais idosos fiquem entre os altos funcionários, pois a presença dos altos funcionários gera a verdadeira modéstia e o respeito dos homens) (ARISTÓTELES, 1985, p. 247-1331b).

Aristóteles é um especialista nas classificações, elas lhe serviriam para separar grupos e estudar profundamente suas organizações, tanto no âmbito político quanto no educacional. Sua cidade ideal e seu governo ideal primavam por uma organização e categorização dos governos e dos grupos. Nesse caso, esclarece:

A esta altura deve estar claro, então, que todos os homens aspiram a uma vida melhor e à felicidade, mas embora tenha condição de atingir esses objetivos, outros não as têm. Por uma questão de má sorte ou de natureza (de fato, a vida melhor requer alguns recursos, embora estes sejam menos necessários a homens de melhor disposição natural e mais necessários aos de pior disposição); outros, apesar de terem condições, não tomam o caminho certo em busca da felicidade (ARISTÓTELES, 1985, p. 249-1332a).

Muitas são as divisões entre os tipos de indivíduos que, para Aristóteles, são por natureza, incluídos ou excluídos em um tipo de grupo, podendo ser escravo, estrangeiro, cidadão, mulher, criança, jovem, adulto e idoso. A partir desses tipos de indivíduo, a cidade-estado deve se organizar.

Classificando os diferentes grupos, Aristóteles permite discutir a preocupação que se tem com certos tipos de indivíduos. No universo de uma Educação ideal, os integrantes dessa cidade-estado devem procurar o ótimo, que para Aristóteles é a busca pelo lazer. Certo dessa afirmação diz, “A vida como um todo também é dividida em negócios e lazer, e em guerra e paz, e de nossas ações algumas visam às coisas úteis, enquanto outras visam às coisas ótimas” (ARISTÓTELES, 1985, p. 254-1333).

A preocupação educacional que circunda a obra *Política*, de Aristóteles, ainda influencia a Educação de hoje, pois, suas ideias parecem ser extremamente atuais. Ao classificar idades, estabelecer normas, leis de conduta e organização minuciosa da cidade-estado, suas ideias transcendem a antiguidade grega do século IV a.C. Porém, como já foi dito, muito pouco crédito é lhe atribuído na contemporaneidade, quando se descrevem as preocupações educacionais com a cidade-estado.

Segundo Aristóteles (1985, p. 33-1260b),

“A criança ainda não é completamente desenvolvida e, portanto, suas qualidades obviamente não podem ser consideradas apenas em relação a ela mesma, e sim ao homem inteiramente desenvolvido, ou seja, à pessoa que tem autoridade sobre ela.”

Aristóteles, ao fazer essa afirmação, assegura uma consciência acerca das limitações da

criança. Essa criança é incompleta e deve-se ter cuidado ao educá-la. Seu desenvolvimento é ainda prematuro e precisa-se de uma formação contínua para que se torne apta a governar.

Não se pode deixar de lado, a preocupação educacional de Aristóteles quanto à formação do político ideal, como observaremos a seguir. Porém, é a partir dessa política que se deve pensar a formação da criança e evidenciar como ela ocorre: “Evidentemente a melhor forma de governo é aquela em que qualquer pessoa, seja ela quem for, pode agir melhor e viver feliz” (ARISTÓTELES, 1985, p. 223-1324a).

Ainda assim, “A função do bom legislador é estudar a maneira de uma cidade, ou uma raça de homens, ou qualquer outra comunidade, participar de uma vida melhor e da felicidade ao seu alcance” (ARISTÓTELES, 1985, p. 225-1325).

Pensando na formação do político, Aristóteles estabelece regras para o funcionamento das cidades-estado. A partir de regras universalizadas na comunidade, de uma unificação básica, podem-se potencializar as individualidades de cada educando, almejando uma sociedade feliz e justa.

3 Considerações finais

Certamente, a concepção educacional através de uma cidade feliz e justa é uma grande característica a ser observada em *Política*, de Aristóteles. Contudo, não é possível mensurar totalmente o impacto que esse autor exerce na modernidade e na atualidade (pois seus conceitos são muitas vezes excluídos da historiografia) sendo possível perceber, ou mesmo interpretar e identificar, que a atualidade de sua obra é um elemento historiográfico de importância ainda pouco percebida.

Referências

- ARANHA, M. L. A. *História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006. 384p.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução Mário da Gama Cury. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1985. 317p.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- DURANT, W. A *História da Filosofia*. Tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1996. 480p.
- HOURDAKIS, A. *Aristóteles e a Educação*. Tradução Albertina Pereira Leite Piva. São Paulo: Loyola, 1998. 151p.
- JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. Lisboa: Áster, 1936. 1343p.
- LUZURIAGA, L. *História da Educação e da Pedagogia*. Tradução Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Editora Nacional, 1983. 292p.
- PILETTI, C, PILETTI, N. *Filosofia e História da Educação*. 15 Edição – São Paulo, Editora Ática, 2004, 264p.
- PLUTARCO. *Vidas paralelas: Alexandre e César*. Apresentação de Voltaire Schilling. Tradução Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: RS: L&PM, 2005. 183p.